

## O imaginário social <Mulher Brasileira> na imprensa turística portuguesa

Mariana S. Gomes<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo analisa o imaginário social <Mulher Brasileira> na imprensa turística portuguesa, através de um mapeamento arque-genealógico, inspirado no modo de operar de Michel Foucault. Entende-se que <Mulher Brasileira> é uma construção social, discursiva e performática, imersa em relações históricas de poder e em modos de subjetivação sempre reconstruídos. A análise fundamenta-se, empiricamente, em entrevistas com jornalistas da imprensa turística portuguesa e análise de reportagens. As conclusões apontam que <Mulher Brasileira> é um imaginário extremamente presente em Portugal, estando os discursos turísticos imbricados nesta visibilidade. Evidencia-se uma reconstrução do imaginário <Mulher Brasileira> hipersexualizada. A erotização das brasileiras emerge de forma naturalizada na ordem discursiva hegemônica, compondo o arquivo daquilo que pode ser dito e visto, o que explicita a manutenção de relações de poder, as quais parecem estar relacionadas com uma colonialidade do saber-poder, com racismo e sexismo.

**Palavras-chave:** Imaginários. Imprensa Turística. Mulher Brasileira. Racismo. Sexismo.

### Introdução

Este artigo analisa o imaginário social <Mulher Brasileira> em Portugal, com enfoque na imprensa turística daquele país. Insere-se na pesquisa doutoral da autora, a qual abarca diferentes discursos que contribuem na (des)(re)construção de uma ordem discursiva sobre as mulheres brasileiras em Portugal: discursos turísticos sobre o Brasil<sup>2</sup> (incluindo marketing público e privado, para além da imprensa turística), discursos do mercado cultural da brasilidade em Portugal, discursos oficiais de autoridades portuguesas e brasileiras sobre imigração, discursos de associações de imigrantes brasileiros e discursos de mulheres brasileiras.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Sociologia no Instituto Universitário de Lisboa (com Bolsa de Doutorado no Exterior da CAPES), Mestre em Sociologia e Bacharel em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Bacharel em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora Efetiva do Núcleo de Turismo da Universidade Federal de Sergipe. Email: marianaselister@gmail.com

<sup>2</sup> Ressalta-se que uma análise dos discursos turísticos de forma mais ampla, incluindo o marketing público do Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR) e o marketing privado das agências de viagens portuguesas que comercializam o destino Brasil, foi publicada em Gomes (2013). Neste artigo o enfoque está apenas na imprensa turística, permitindo aprofundar a análise da mesma ao discutir as reportagens, as quais não foram incluídas no artigo anterior.

# X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

As mulheres brasileiras carregam um imaginário no cenário internacional, o qual se relaciona com sua suposta hipersexualidade (Gomes, 2011). Algumas investigações têm demonstrado que esse imaginário se traduz em preconceitos e discriminações que essas mulheres sofrem em diferentes países, como em Portugal (Padilla, 2007, 2008) e nos Estados Unidos da América (Bezerra, 2007). No entanto, poucas são as pesquisas que analisam como esse imaginário é (re)construído pelos discursos sociais; bem como, as que existem enfocam o papel dos noticiários na construção do estereótipos em torno da imigrante brasileira como prostituta (Pontes, 2004). Assim sendo, os discursos turísticos não têm sido alvo de estudos neste tema, sendo muitas vezes mencionados como um dos responsáveis pela criação do estereótipo de hipererotização das mulheres brasileiras, sem haver pesquisa empírica ou discussão teórica sobre tais discursos (Gomes, 2011).

Este artigo foca-se na imprensa turística e como esta contribui na (des)(re)construção da ordem discursiva (Foucault, 2008) <Mulher Brasileira> em Portugal. Entende-se que <Mulher Brasileira> tornou-se um ícone, um imaginário consolidado, o qual precisa ser desvelado. Para este desvelamento apresentar-se-á um mapeamento arqueológico (Foucault, 2004) de discursos, bem como, uma análise genealógica das relações de poder imbricadas (Foucault, 1986), a fim de encontrar uma ordem discursiva de saber-poder. A Arque-genealogia propõe a análise de como os saberes são construídos e como compõem estratégias de poder. A emergência de saberes é perceptível através de diversos vestígios discursivos (textos e imagens de diferentes fontes) de maneira não necessariamente organizada (por isso a analogia ao método arqueológico). A análise das relações de poder permite situar o saber no âmbito das lutas, compreender a emergência e a naturalização de determinados saberes, identificar uma ordem discursiva hegemônica (esse mapeamento é chamado de genealogia). O objetivo deste artigo é o de analisar a imprensa turística através de uma perspectiva arque-genealógica sobre o imaginário <Mulher Brasileira> em Portugal e, assim, compreender como foi ele construído, naturalizado, em quais relações de poder está imerso, e como está sendo atualizado ou desconstruído atualmente.

Como objeto empírico tem-se: seis entrevistas com jornalistas de projeção na imprensa turística portuguesa (editores de revistas e repórteres *freelancer*) e análise de reportagens da imprensa turística portuguesa. Como objeto teórico tem-se a orientação teórica mais geral a partir de uma inspiração foucaultiana, bem como as discussões em torno dos imaginários sociais e das relações (de poder) “raciais”, de gênero, em torno da sexualidade e da colonialidade.

Acerca das relações de poder que envolvem a sexualidade, o gênero, as relações “raiais” e a colonialidade, as reflexões de Foucault (1993) parecem ser um importante ponto de partida. O autor demonstra que a sexualidade é uma construção. A teoria feminista, na construção da categoria gênero, questiona a naturalização dos papéis sociais de homens e mulheres e demonstra

# X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

que estes são construções sociais que resultam em desigualdades entre homens e mulheres (Scott, 1986). Pateman (1993) demonstra a relação mútua entre prostituição, exclusão no mercado de trabalho e subjugação ao casamento, na medida em que foram construídas duas sexualidades para as mulheres relacionadas com dois papéis de gênero: mulheres esposas, virgens, mães, pertencentes ao espaço privado *versus* mulheres prostitutas pertencentes ao espaço público. A partir das análises de Butler (2008) é possível perceber que ambas as sexualidades e performances de gênero foram construídas segundo a norma heterossexual, a heteronormatividade.

Nessa produção dessas duas sexualidades através de duas performances do ser mulher, emerge como dispositivo central a racialização e o poder colonial. Foucault (1996, p. 207- 211) demonstra como na produção de populações, através do biopoder (poder sobre a vida, o fazer viver), no século XIX, a racialização serviu para definir as populações que poderiam ser escravizadas e marginalizadas. Nesse processo de racialização, os europeus construíram “o negro” e atribuíram características e valores que o inferiorizavam. Cunha (2002) aproxima as análises de Foucault (sobre o biopoder) com as de Fanon (sobre “raça”, subjetivação e poder colonial), ao perceber que um dos mecanismos do biopoder é o discurso (construído a partir do período colonial) que produz a sexualidade dos negros. Segundo Fanon (1983, p. 153 e 154) o negro simboliza o pecado e “para a maioria dos brancos, o negro representa o instinto sexual” (*idem*, p. 145).

As teorias feministas descoloniais destacam que o dispositivo da racialização intersecciona com o de gênero e de sexualidade na produção de duas essencializações: as mulheres brancas europeias são as marias/mães/esposas; enquanto que as indígenas, negras ou mestiças das ex-colônias são as evas/pecadoras/prostitutas (Stolke, 2006). Connell (1998) aponta que o colonialismo teve impacto na construção de uma ordem global de gênero, a qual construiu masculinidades diferentes e hierarquizadas entre homens da metrópole e homens das colônias, reforçou as assimetrias entre homens e mulheres nas colônias, fomentou violências contra as mulheres e criou um imaginário colonial relacionada ao erótico e ao exótico. Através das discussões em torno na interseccionalidade entre gênero e outros demarcadores sociais, reconheceu-se que “mulher” não é uma categoria unitária (Brah, 2006). Tornou-se evidente a necessidade de compreender a racialização do gênero e emergiu o feminismo negro (González, 1988). O feminismo latino-americano amplia a análise da racialização do gênero, apontando a relação entre colonialismo e gênero (Lugones, 2008), destacando a violência sexual e estigmatização da sexualidade das mulheres negras escravizadas e das mulheres indígenas. As discussões demonstram a construção de um “corpo colonial” alvo da opressão dos colonizadores, um corpo visto como disponível.

# X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

O conceito de “raça” é entendido relacionado ao conceito histórico de racismo (Fanon, 1983; Balibar, Wallerstein, 1988) e a perspectiva epistemológica descolonial (Quijano, 2005; Mignolo, Grosfogel, 2008). Nesta perspectiva a modernidade é entendida como profundamente marcada pela colonização e, assim, a sociedade atual não pode ser compreendida distante de uma análise crítica desse processo histórico e de suas consequências contemporâneas. Uma das principais marcas da colonização consiste na introdução e na disseminação da categoria mental “raça”, a qual permanece atualmente. Segundo essa perspectiva, o racismo colonial dividiu a população em “raças”, articulando para isso supostas características físicas, culturais e comportamentais, para inferiorizar, essencializar e estigmatizar grupos humanos não europeus. Dividiu, também, o mundo entre colônias e metrópoles, sendo as metrópoles identificadas com o “civilizado”, enquanto as colônias foram categorizadas como “bárbaras”. Essa divisão (mental, ideológica) em “raças” continuaria operando atualmente, o que se alteraria são as práticas de discriminação e os grupos alvo conforme o contexto. Essa permanência social da categoria “raça” é entendida como colonialidade, ou seja, uma reconstrução do saber-poder colonial. Torna-se necessário analisar como se (des)(re)constrói, em diferentes contextos, esse saber-poder racializante que essencializa grupos humanos através de supostos critérios físicos, comportamentais e culturais. O conceito de “raça” torna-se pertinente, apenas como uma construção histórica que opera na realidade social a fim de colaborar na superação de suas mazelas sociais. Assim, o que se analisa são os processos de racialização, em diferentes contextos; como neste artigo, a racialização das brasileiras no imaginário português.

Pretende-se analisar como a imprensa turística colabora, ou não, na (re)construção de um imaginário português racializado em torno da <Mulher Brasileira> como um “corpo colonial”. Nesse sentido, o conceito de imaginário é entendido próximo ao conceito foucaultiano de saber. Em Foucault (2004, 2008) não há uma separação entre discurso e realidade social. Conforme Maffesoli (2001) o imaginário é uma realidade. Segundo Silva (2003, p. 49): “não se crê no imaginário, vive-se nele”. Os imaginários correspondem a saberes partilhados socialmente de uma forma muitas vezes não consciente, emocional, naturalizados, não problematizados, como uma atmosfera cultural. Ambos os conceitos aproximam-se ao enfocarem as dimensões simbólicas como constitutivas da sociedade, não correspondendo simplesmente a outras realidades (econômica, política), mas como uma realidade própria. O conceito de saber centra-se mais nas discussões sobre o poder: na perspectiva foucaultiana, através de análises do saber-poder é possível perceber uma ordem discursiva e estruturas de poder de uma sociedade – o que pode ser dito, pensado, enunciado, visto em determinada sociedade. Analisar um saber partilhado socialmente e naturalizado permite compreender relações de poder. No caso deste artigo, torna-

# X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

se possível analisar o imaginário <Mulher Brasileira> e como ele se relaciona com relações de poder de gênero, “raciais”, entre outras.

No Turismo, objeto deste artigo, a importância das imagens e imaginários é sustentada teoricamente pelas análises que demonstram que uma das dimensões do turismo é a comunicação (e informação). Wainberg (2003), na perspectiva da comunicação, e Nielsen (2002), na perspectiva do marketing, demonstram que é através da comunicação que se produz a motivação para o deslocamento turístico. Gastal (2005) aprofunda a análise da relação turismo e mídia, demonstrando que a mídia, para além do marketing, constrói e reforça imaginários que mediam as relações entre turistas, destino, residentes e constroem opiniões/sentimentos/percepções sobre os lugares. Os deslocamentos são, segundo a autora, carregados de imaginários: “porque as pessoas terão sentimentos, alimentados por amplas e diversificadas redes de informação, que as levarão a achar um local “romântico”, outro “perigoso”, outro “bonito”, outro “civilizado”. A esses sentimentos construídos em relação a locais e objetos (e, por que não, a pessoas?) temos chamado de Imaginários” (Gastal, 2005, p. 12 e 13). Destaca-se, portanto, a importância dos imaginários construídos a partir do turismo, como os que serão analisados a seguir.

## **ANÁLISE DA IMPRENSA TURÍSTICA PORTUGUESA: ENTREVISTAS**

A fim de analisar a imprensa turística portuguesa e como esta contribui na (des)(re)construção da ordem discursiva <Mulher Brasileira> em Portugal, realizaram-se entrevistas, ao longo de 2011, a jornalistas de projeção na imprensa turística portuguesa (editores de revistas e repórteres freelancer). Estabeleceram-se três eixos de discussão no roteiro de entrevistas: imagem do Brasil, mulher brasileira, turismo sexual. Optou-se por expor a análise a partir dos eixos de discussão. Assim, as narrativas dos entrevistados foram agrupadas e seus nomes permanecerão anônimos, sendo atribuídos nomes fictícios, cuja única característica apresentada será o gênero. O objetivo é perceber a ordem discursiva – as ideias que emergem em cada eixo de discussão, como elas são associadas e repetidas.

Nas discussões em torno do primeiro eixo – imagem do Brasil – as entrevistas demonstraram que está fortemente vinculada às praias e ao clima tropical. A imagem do Brasil aparece, em muitos casos, associada à beleza das mulheres e a certos comportamentos (inclusive expressamente os sexuais) considerados pelos portugueses como mais flexíveis.

A ideia é que o Brasil é um país tropical, onde vive gente aberta, extrovertida, dinâmica e onde as mulheres são bonitas, onde as mulheres andam mais

# X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

despidas, porque está calor, e onde há um convívio efetivo fora da limitação ou fora do constrangimento português (Francisco).

Praia e calor: é o que motiva a maior parte (...) o fator clima é que atrai as pessoas ao Brasil e a língua ajuda muito (João).

Para qualquer português o Brasil é sempre aquela coisa... o paraíso: sol, mar, paraíso, calor (Joana).

É praia, descontração, festa. Eu acho que é essencialmente isso, e o bom tempo (...) A brasileira, futebol, samba, tudo isso são elementos principais (...). A maior parte do tempo é praia, é um turismo muito pouco ambicioso. O Brasil é um dos países que as pessoas sabem que isso [sexo] é mais propício, mais fácil (Rui).

No entanto, na maioria dos entrevistados foi possível perceber mudanças na imagem do Brasil, acrescentando-se modernidade, crescimento econômico, cidades, diversidade – como é possível perceber nos trechos a seguir. Essas mudanças parecem ser acréscimos de imaginários e não substituição dos imaginários antigos. A narrativa de Ana é exemplar, quando ela afirma que os portugueses já sabem que há muito no Brasil, mas querem ver sol e praia. Ou seja, acrescentam-se imaginários, mas aqueles que remetem aos imaginários coloniais permanecem.

Pensamos no Brasil, pensamos em recursos, petróleo, políticas de mudança, claro, continua lá estar um clima fantástico, um país maravilhoso, mulheres bonitas, não desapareceram, mas além disso há muitas outras coisas. (Francisco).

Julgo que a promoção que fazem [EMBRATUR] junto de agentes privilegiados, como é o nosso caso, resulta. Porque Belo Horizonte por exemplo, foi uma reportagem que nós publicamos há 1 ano e tal, 2 anos. Nós também queremos, para além da praia e do calor há muito mais coisas (João).

O Brasil é uma potência econômica mundial (João).

Os portugueses continuam a ver como paraíso, porque é sol e praia que os portugueses gostam (...) É a imagem que eles querem ver, que eles gostam de ver. É evidente que eles sabem que há muito, que o Brasil é um continente, há muitos outros Brasis que o sol e praia (Ana).

Mostrou-se recorrente o imaginário do Brasil como parte de Portugal – como na narrativa de Francisco que afirma que “o Brasil está sempre ali como parte integrante da Portugalidade”. Ainda, a associação entre o clima/natureza como características inerentes do Brasil disponíveis aos portugueses – o Brasil como a “casa tropical dos portugueses”, na narrativa de Ana. Esses exemplos apontam uma reconstrução de imaginários coloniais. É explícita também a distinção

# X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

entre Europa e Brasil, na qual a Europa aparece como destino de turismo histórico-cultural enquanto o Brasil como destino de turismo “sol e mar”. Essa dicotomia reporta ao imaginário colonial das colônias como paraísos naturais e selvagens *versus* Europa como civilização e cultura.

A segunda dimensão de análise – mulher brasileira – revela um imaginário consolidado de que existe um padrão de comportamentos e características físicas de mulheres brasileiras. Este imaginário remete à beleza, à sensualidade, aos corpos (bumbum, bundinha), a comportamentos (atraentes, desinibidas, sem pudor, a vontade, abertura, facilidade). Em alguns casos, como na fala de Rui, as mulheres brasileiras chegam a ser explicitamente identificadas com sexo.

Os homens vão por causa das mulheres e as mulheres vão pra ver se se transformam como as mulheres brasileiras [risos] a ver se saem de lá com uma bundinha fantástica e um biquinho maneiro e um grande bônus (Joana).

É uma associação [mulher brasileira com sexualidade] que é uma realidade. A realidade brasileira que o português encontra aqui em Portugal, vai demorar um pouco a desconstruir, para isso é mudar a realidade brasileira cá em Portugal, das pessoas do Brasil que vem pra cá (...) basta ter a noção de que nos sítios onde há o sexo, onde é operado o sexo, sempre, ou quase sempre há brasileiras (...) A associação que se faz dos corpos das mulheres brasileiras e a ligação direta a praia, a linha de costa enorme que o Brasil tem e haver uma vida intensa na costa com relação a praia. E também ao a vontade social. Qualquer brasileiro anda na rua em tronco nu sem qualquer problema, as mulheres andam de fio dental sem qualquer problema. Esse a vontade social é principal razão pelo que há essa associação. A realidade em termos de comportamentos sexuais é diferente dos países europeus em relação ao Brasil, há muito mais abertura e facilidade (Rui).

As ideias de beleza, sensualidade e disponibilidade sexual parecem estar imbricadas entre si no imaginário <Mulher Brasileira>. A exceção, que ao mesmo tempo demonstra a possibilidade de não imbricação dessas ideias, é a entrevista de Ana. O trecho a seguir apresenta uma crítica explícita a essa associação de beleza e alegria com disponibilidade sexual, ao criticar a divulgação da mulher como objeto e nomear os portugueses, que fazem essa associação, de parvos. Pode-se destacar o fator gênero, na medida em que Ana, sendo mulher, percebe a beleza e o comportamento extrovertido dissociados da disponibilidade sexual, enquanto que um homem, através do poder patriarcal, tende a perceber a beleza da mulher e seus comportamentos como associados a sua disponibilidade ao homem. Acrescenta-se, ainda, o fato de que Ana, entre todos os entrevistados/as é a que conhece mais lugares no Brasil.

Os homens pensam nas brasileiras e viam aquela imagem do bumbum, do biquíni, era sempre uma imagem de uma brasileira morena, quase com fio dental, de costas, portanto, era muito essa imagem que transmitia (...) e que eu acho que

# X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

ainda bem que mudou, que é uma conotação que não é boa. Acho que o Brasil é tão rico em tanta coisa, tem tanto a divulgar em beleza, que a beleza da mulher brasileira é de fato, pra mim é o povo onde tem mulheres mais bonitas, uma mistura lindíssima, mas que não precisa de ser divulgada dessa maneira, como uma mulher objeto (Ana).

O estereótipo da mulher brasileira é sempre que é uma mulher bonita, atraente, e pronto. Sem tanto... não queria dizer... sem pudor, eu me sinto muito mais brasileira do que portuguesa, a minha bisavó era do Para, portanto, eu sou muito mais como vocês, muito mais extrovertida (...) da parte dos homens, se eles acham que por ser assim tão a querer ser assediadas é porque são parvos, isso os portugueses são um pouco parvos (Ana).

Em diversos momentos foi possível perceber que o imaginário de erotização emerge como uma realidade objetiva, como uma verdade. Não há uma percepção desse imaginário como uma construção. Exemplifica-se, ainda, com trechos da narrativa de João, que ao não perceber o processo e crer na verdade do imaginário acaba reproduzindo-o ao utilizar mulheres nas revistas e reportagens.

Há uma sensualidade da mulher brasileira que é eminente, que é assumida, e a EMBRATUR o que fez foi explorar exatamente isso (...) A maior parte, quer dizer, muitos portugueses conhecem o Brasil e portanto sabem que há uma erotização da imagem da mulher brasileira que vem muitas vezes do que vemos, são mulheres bonitas, mulheres atraentes, são mulheres desinibidas em muitas situações, e por isso se criou essa imagem que as pessoas têm. Não creio que a publicidade tenha muito a ver nesse caso (João).

Não evitamos [usar imagens de mulheres]. Usamos a imagem do brasileiro bonito, com bom aspecto, os rapazes com corpos elegantes, as raparigas bonitas, novas (...) A imagem dos homens também, mas acabamos por usar mais a imagem da mulher, com uma ideia de boa forma física, uma ideia simpática, de bem receber, de atração, que no fundo nos faz sentir bem num sítio (João).

Referente à relação entre imaginário e realidade, destaca-se que este artigo fundamenta-se na demonstração de como esse imaginário <Mulher Brasileira> é construído e em que relações de poder se torna uma verdade. Não sendo substantivo, nem essencial, <Mulher Brasileira> é antes de tudo uma construção social, discursiva e performática, imersa em relações de poder históricas e em modos de subjetivação sempre reconstruídos. Afirmar que um imaginário é uma construção significa reconhecer sua realidade discursiva, uma prática, com implicações em diferentes âmbitos da vida social. O imaginário <Mulher Brasileira>, em torno da hipersexualidade, quando se transforma em verdade, acarreta em preconceitos, assédios e discriminações para as imigrantes brasileiras que vivem em Portugal, como demonstra Padilla (2007, 2008). Torna-se,

# X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

portanto, necessário compreender as disputas, as relações de poder, os processos de (re)(des)construções dos imaginários, eles são realidades complexas, com implicações sérias, não basta confrontá-los com realidades objetivas, é preciso também desvendar os imaginários, compreender como se tornaram realidades.

Referente ao terceiro eixo de discussão – turismo sexual – o imaginário de disponibilidade sexual das brasileiras emergiu com clareza, na oposição entre turismo sexual (que remeteria a exploração sexual, o que não ocorre no Brasil) e disponibilidade sexual (que é como descrevem o Brasil, com mulheres abertas, disponíveis para o sexo, dadas, sensuais) – como pode ser visto especialmente na fala de Francisco.

A impressão que eu tenho é que o Brasil não é um destino de turismo sexual, pode ser eventualmente, mas não é um destino de turismo sexual como será a Tailândia. O Brasil não é a mesma coisa, no Brasil vou curtir, porque as brasileiras são mais dadas, não há preconceitos, há festas, e isso tem a ver novamente com o imaginário do carnaval e do tropicalismo, se for pensar Cabo Verde será um pouco assim, dança, festa, música, corpos e sexo, e isso não é bem a mesma coisa que turismo sexual e prostituição (...)o Brasil não é um destino de prostituição, pode ser um destino de turismo sensual ou erótico, isso sim, porque vamos ver mulheres bonitas, isso sim. Por exemplo, as italianas, temos esse mito, a mulher italiana é bonita, mas sabemos que chegamos a Itália e que aquilo é um país europeu, não é um país tão aberto, e essa idéia de abertura, é que está no Brasil, mas tem a ver com amabilidade, tem a ver com a festa, com um certo imaginário claramente do que é o erotismo tropical (Francisco).

Com este eixo reforçou-se a percepção de que as ideias de beleza, sensualidade e disponibilidade sexual estão imbricadas entre si no imaginário <Mulher Brasileira>, através da ordem discursiva hegemônica que remete a relações de poder colonial, patriarcal e a heteronormatividade. As mulheres brasileiras são construídas como corpo colonial, como disponíveis sexualmente aos homens portugueses, através do signo <Mulher Brasileira>. Na narrativa de Francisco é explícita essa relação. O entrevistado diferencia as italianas, que são bonitas, porém não disponíveis por serem europeias, das caboverdianas e brasileiras que são bonitas e disponíveis. Ao fazer essa diferenciação belas / não disponíveis / européias *versus* belas / disponíveis caboverdianas / brasileiras, emerge a colonialidade, na medida em que as mulheres das ex-colônias são vistas como disponíveis e isso está diretamente relacionado ao fato de não serem europeias. Essa relação entre não ser européia e ser disponível sexualmente não é direta, ela perpassa algumas características que o entrevistado supõe que os não-europeus tenham: festa, dança, música, corpos, clima tropical.

# X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

As ideias sobre a natureza (paraíso, tropicalidade e calor) foram associadas às ideias sobre comportamentos (à vontade, falta de pudor, disponibilidade sexual), às ideias sobre cultura (festa, dança, música), e ainda, às ideias fenotípicas (corpos exuberantes, beleza). Percebe-se uma reconstrução da ordem discursiva racializante. No cruzamento entre colonialidade e gênero, evidenciou-se uma reconstrução do imaginário colonial baseado na moral cristã ocidental que divide as mulheres em “evas” (pecadoras, disponíveis sexualmente, não-européias) e “marias” (esposas, mães, com pudor, européias) (Vasconcelos, 2005; Stolke, 2006). As mulheres brasileiras são vistas e enunciadas como portadoras destas características comuns. Através dessa essencialização, as brasileiras podem ser inferiorizadas e estigmatizadas em Portugal. Essa essencialização é tanto cultural como biológica, o que indica um processo de racialização, entendido como classificação dos grupos humanos, para demarcação de hierarquias sociais, que iniciou durante o colonialismo (entendido aqui como processo histórico que iniciou no século XVI).

## **ANÁLISE DA IMPRENSA TURÍSTICA PORTUGUESA: REPORTAGENS**

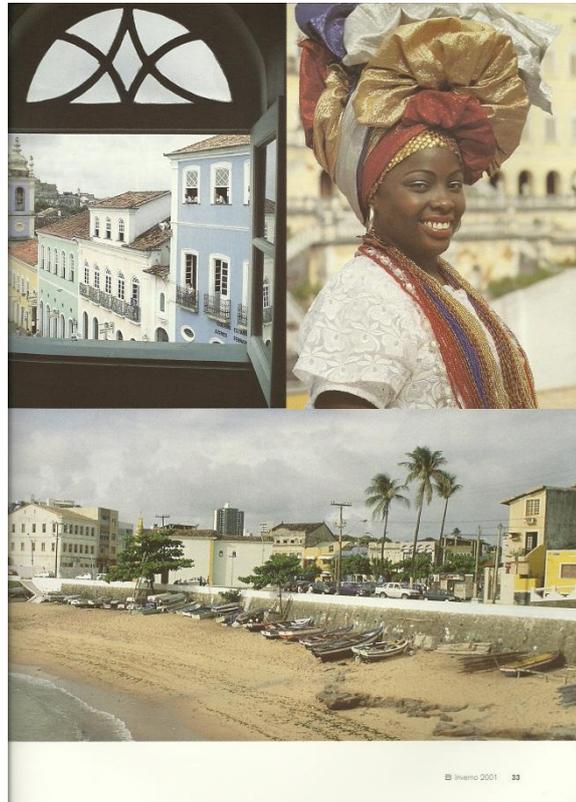
A fim de complementar a análise dos discursos da imprensa turística, torna-se necessário apresentar algumas reportagens que exemplifiquem as narrativas dos jornalistas. Um bom exemplo é a Revista B de Brasil, a qual existiu entre o ano 2000 e 2008 e se dedicava somente ao Brasil, para o mercado português, apresentando destinos (história, cultura, gastronomia, patrimônio natural, praias) e serviços (hotéis, restaurantes, passeios, roteiros, agências). Os fundadores e editores da revista disseram-se apaixonados pelo Brasil e identificavam esse grande interesse pelo país por parte do público português. Criaram uma revista diferenciada em termos de qualidade, semestral, e, portanto, com custo mais elevado que outras revistas de turismo e viagens. Estava à venda em livrarias e lojas de shopping. Interrompeu sua edição devido à crise econômica que afeta Portugal.

Parece bastante exemplificativo o número dois, inverno de 2001. A reportagem de capa refere-se a Salvador da Bahia e apresenta como imagem uma baiana típica a dançar ritmos afro-brasileiros, no centro histórico de Salvador. Esta reportagem, por um lado, reforça o imaginário de festa, alegria, mulheres a dançar, por outro lado, busca apresentar novos elementos culturais e históricos. A imagem a seguir, da reportagem sobre Salvador no interior da revista, demonstra como a revista buscou diversificar a imagem de Brasil, enfatizando a história e a cultura. No entanto, assim como nas narrativas dos jornalistas, a imagem diversificada de Brasil aparece sempre como acréscimos aos imaginários tradicionais de praia e mulheres e não propriamente uma substituição de imaginários.

# X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

**Figura 1: Salvador. Revista B de Brasil, nº 2, inverno de 2001.**



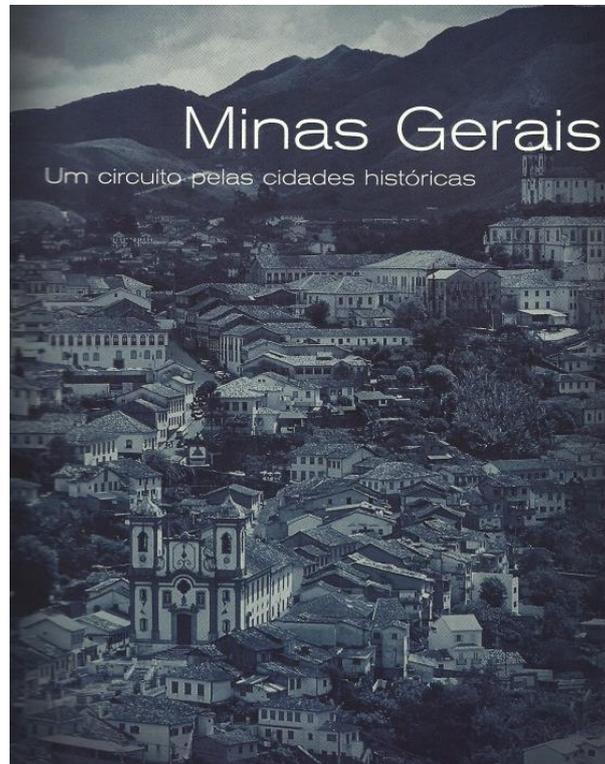
Fonte: Pesquisa documental.

Esta diversificação de imaginários, que não implica na superação dos imaginários consolidados, torna-se evidente na mesma edição da revista. Por um lado há uma reportagem sobre Minas Gerais que enfoca apenas a história e a cultura da região, como pode ser visto na imagem a seguir, que dá início à reportagem.

# X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

**Figura 2: Minas Gerais. Revista B de Brasil, nº 2, inverno de 2001.**



Fonte: Pesquisa documental.

Por outro lado, há uma reportagem sobre o Carnaval do Rio de Janeiro, na qual aparece o imaginário de <Mulata> hipererotizada como símbolo do carnaval. A imagem que dá início a reportagem, a seguir, foca no corpo de uma passista, onde seu rosto é suprimido, ou seja, construído como irrelevante. Das dez imagens que compõem a reportagem, cinco são em tamanho grande (ocupando a página toda), destas cinco, duas são de mulheres passistas, sendo que a única que ocupa duas páginas (a maior de todas) é a que inicia a reportagem e foca na passista, conforme por der visto a seguir. Sendo assim, para o público, português leitor da revista, reforça-se o imaginário social <Mulher Brasileira> como um corpo colonial.

# X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

**Figura 3: Carnaval do Rio de Janeiro. Revista B de Brasil, nº 2, inverno de 2001.**



Fonte: Pesquisa documental.

Outro exemplo da diversificação de imaginários que ao mesmo tempo apela a imaginários consolidados é a reportagem sobre Brasília, da secção Destino Improvável, da Revista Tabu/Sol, de 12 de Agosto de 2011. Apresentar Brasília como destino turístico é bastante importante para diversificação dos imaginários sobre o Brasil. São apresentados elementos como a Arquitetura Modernista, mobilização política e social, o título de Patrimônio Cultural da Humanidade da UNESCO, o pôr do sol exuberante. As imagens trazidas pela reportagem (a seguir) de pessoas protestando por direitos (ao invés de corpos em biquínis ou em festa), da arquitetura modernista e do ambiente de metrópole, contribuem para construir uma outra imagem de Brasil.

# X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Figura 4: Brasília. Revista Tabu, 12 de Agosto de 2011.



Fonte: Pesquisa documental.

No entanto, o título e a frase de chamada da matéria ao mesmo tempo em que pretendem apresentar um novo Brasil superpotência, apelam aos imaginários coloniais: “Da Utopia à Euforia: Desde o tempo do Marquês de Pombal, em que o Brasil ainda era uma colônia portuguesa, que se falava da transferência da capital para o interior. Hoje, Brasília continua a parecer surreal, mas dita as regras de uma superpotência mundial”. Ver e construir o Brasil sempre a partir das relações coloniais com Portugal pode indicar uma reconstrução constante dos imaginários coloniais.

A análise da imprensa turística demonstrou que está ocorrendo uma diversificação na imagem do Brasil. No entanto, não está sendo desconstruído o imaginário social consolidado de <Mulher Brasileira> como signo de erotização.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este artigo percebe-se que <Mulher brasileira> é um imaginário extremamente presente nos discursos turísticos sobre o Brasil em Portugal. Essa visibilidade e esse enunciar (o que pode ser dito, o que pode ser visto) sobre as mulheres brasileiras representam relações de

# X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

poder presentes na sociedade portuguesa e entre Brasil e Portugal. Buscou-se especificar o que era dito e visto sobre as brasileiras na imprensa turística e como poderia assim o ser.

Evidenciou-se uma reconstrução de imaginários na imprensa turística portuguesa. A erotização das brasileiras é naturalizada na sociedade portuguesa, compõe o arquivo daquilo que pode ser dito e visto, o que explicita a manutenção de relações de poder.

Os conceitos de colonialidade e interseccionalidade entre racismo e sexismo pareceram ser úteis para compreender como – em que relações de poder construídas historicamente – esses imaginários são reconstruídos, podem ser ditos e vistos, em Portugal. As mulheres brasileiras são vistas como corpo colonial, na medida em que são definidas, essencializadas e estigmatizadas através de características que lhes eram atribuídas desde o período do colonialismo histórico. Essas características (retomando palavras dos entrevistados entre parênteses) abarcam dimensões físicas (o bumbum, a beleza), comportamentais (à vontade social, facilidade para o sexo, andar mais despida), culturais (gostar de festas, dançar, ser alegres) e, ainda, associações com a natureza (clima tropical, calor, paraíso). O racismo em intersecção com as desigualdades de gênero fomentaram o imaginário de mulata erótica (disponível ao homem branco) que carregou a colonialidade do saber-poder dentro do Brasil (Gomes, 2009a; Correa, 1996). Esse imaginário, retomado pela indústria turística do século XX (que buscava atrair turistas europeus) contribuiu na reconstrução dos imaginários coloniais atualmente (Aoun, 2001; Gomes, 2009b). Em Portugal, a mulata transforma-se em qualquer brasileira, tendo em vista que o processo de racialização é diferente: o branco *versus* não-branco no Brasil é europeu *versus* não-europeu / metrópole *versus* colônia em Portugal.

Por fim reforça-se que o objetivo consistiu em analisar as (des)(re)construções de imaginários, buscando perceber uma ordem discursiva e relações de poder. Os discursos turísticos revelaram-se profícuos para essa análise de imaginários sociais, bem como, de relações (de poder) raciais, de gênero, sexualidade e colonialidade.

Destaca-se, ainda, que não se defende nessa análise de imaginários outra verdade sobre o que são, ou não são, as mulheres brasileiras. Ao contrário, acredita-se, a partir das orientações teóricas, que não é possível defini-las. Não há mentira ou verdade quando se trata de imaginários, no entanto, socialmente, alguns imaginários se tornam verdades, e interessa compreender como e por que. Não há mentira ou verdade sobre o que (ou quem) são as brasileiras, há multiplicidades. No entanto, socialmente, há um imaginário hegemônico relacionado à erotização, o qual foi naturalizado como verdade, o que está relacionado com a colonialidade do saber-poder, com o racismo e com o sexismo. Desvelar esse imaginário tem, portanto, uma relevância social, que complementa a importância científica.

# X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bezerra, Bernadette (2007). "Sob a sombra de Carmen Miranda e do carnaval: brasileiras em Los Angeles", *Cadernos Pagu*, 28: 313-344.
- Aoun, Sabah (2001). *A procura do paraíso no universo do turismo*. Campinas: Papyrus.
- Balibar, E., Wallerstein, I. (1988). *Raza, Nación y Clase*. Madrid: Iepala.
- Brah, Avtar (2006). "Diferença, diversidade, diferenciação", *Cadernos Pagu*, 26: 329-376.
- Butler, Judith (2008). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Connell, R.W. (1998). "Masculinities and Globalization", *Men and Masculinities*, 1 (1): 3-23.
- Correa, Mariza (1996). "Sobre a invenção da mulata", *Cadernos Pagu*, 6-7: 33-50.
- Cunha, Olívia (2002). "Reflexões sobre biopoder e pós-colonialismo: relendo Fanon e Foucault", *Mana*, Rio de Janeiro, 8 (1): 149-163.
- Fanon, Franz (1983). *Peles negras, máscaras brancas*. Rio de Janeiro: Factor.
- Foucault, Michel (1986). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Foucault, Michel (1993). *História da sexualidade, Vol. 1, A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Foucault, Michel (1996). *Genealogía del racismo*. Buenos Aires: Altamira.
- Foucault, Michel (2004). *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, Michel (2008). *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola.
- Lugones, Maria (2008), "Colonialidad y género", *Tabula Rasa*, Bogotá-Colômbia, 9: 73-101.
- Gastal, Susana (2005). *Turismo, Imagens e Imaginários*. São Paulo: Aleph.
- Gomes, Mariana S. (2009a). *Marketing Turístico e Violência contra as Mulheres: (des)(re)construções do Brasil como um Paraíso de Mulatas*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.
- Gomes, Mariana S. (2009b) "La construcción del Brasil como un paraíso de mulatas: del imaginario colonial al marketing turístico", *Sociedad Hoy*, Concepción, Chile, nº 17. Disponível em: <http://www.sociedadhoy.com/?q=node/76>

# X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Gomes, Mariana S. (2011) “Mulheres brasileiras em Portugal e imaginários sociais: uma revisão crítica da literatura”, *CIES e-Working Paper*, nº106. Disponível em: [http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP106\\_Gomes.pdf](http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP106_Gomes.pdf)

GOMES, Mariana S. (2013) “(Des)(re)construções do imaginário social «Mulher Brasileira» nos discursos turísticos sobre o Brasil em Portugal”. *Estudios y Perspectivas en Turismo*, v.22 (2), pp. 216-234.

Gonzalez, Lelia (1988) “Por um feminismo afro-latino-americano”, *Revista Isis Internacional*, vol. IX.

Maffesoli, Michel (2001) “O imaginário é uma realidade”. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, 15: 74-82.

Mignolo, W; Grosfoguel, R. (2008) “Intervenciones Descoloniales: una breve introducción”, *Tabula Rasa*, Bogotá - Colombia, 9: 29-37.

Nielsen, Christian (2002). *Turismo e Mídia: o papel da comunicação na atividade turística*. São Paulo: Contexto.

Padilla, Beatriz (2007) “A imigrante brasileira em Portugal: considerando o gênero na análise”. In: Malheiros, Jorge (coord). *A Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI.

Padilla, Beatriz (2008) “Brasileras en Portugal: de la transformación de las diversas identidades a La exotización”. *Amérique Latine Histoire et Mémoire. Les Cahiers ALHIM*, 14. Disponível em: <http://alhim.revues.org/index2022.html>

Pateman, Carole (1993). *O Contrato Sexual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Pontes, Luciana (2004) “Mulheres brasileiras na mídia portuguesa”, *Cadernos Pagu*, 23: 229-256.

Quijano, Aníbal (2005) “Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina”. IN: Lander, E. (org) *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Colección Sur Sur. Buenos Aires: CLACSO.

Silva, Juremir (2003). *As tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina.

Scott, Joan (1986) “Gender: a useful category of historical analysis”, *The American Historical Review*, 91 (5): 1053-1075.

Stolke, Verena (2006) “O enigma das intersecções: classe, “sexualidade”, sexo, sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX”, *Revista Estudos Feministas*, 14 (1): 15-42.

Vasconcelos, Vânia (2005) “Visões Sobre As Mulheres Na Sociedade Ocidental”. *Revista Ártemis*, 3. Disponível: [www.prodema.ufpb.br/revistaartemis/numero3/numero3.html](http://www.prodema.ufpb.br/revistaartemis/numero3/numero3.html)

Wainberg, Jacques (2003). *Turismo e Comunicação: a indústria da diferença*. São Paulo: Contexto.